

HORROR

SANTIAGO, março (Pela Pátria do Brasil). Falei de um crime horripilante, monstruoso — tanto, que dá desgosto contá-lo. Prefiro passar a palavra a um dos melhores cronistas chilenos o escritor Joaquim Edwards Bello, que toda quinta-feira escreve em "La Nación", órgão oficioso:

"Dez indivíduos esperaram a saída do trabalho de uma mãe pobre, cozinheira, de 65 anos. Violaram-na com uma crueldade incrível. Entregaram-na, em seguida, a outro grupo, que continuou a violação até deixá-la, segundo confissão de um deles, "que não servia mais para nada". Lançaram-na ao canal Santa Rosa. Assim acabou a vida de uma cozinheira e mãe chilena".

Continuamos a citar trechos da crônica:

"Voltemos ao crime da violação em massa, que um inglês das salitreiras chamava "o ultraje chileno". Trata-se de um costume, de um "record", de uma façanha popular profundamente incrustada na massa mais antiga e definida da população. Em "Los Tiempos" de ontem, 23 de março de 1955, apareceu a confissão de um dos assaltantes: "Para eso somos hombres". É exatamente o que antecipei em outra crônica referente ao mesmo assunto — "trata-se de um alarde de virilidade". É o que chamei "conceito do homem das tabernas".

E mais adiante:

"Vi a fotografia dos assaltantes unidos espontaneamente para violar uma mulher de 65 anos. Parecem-se a todo mundo. Trata-se de caras comuns de indivíduos que encontramos em toda parte. Digo-o com vergonha: são chilenos comuns. São parte do cinturão humano da Capital do Chile. Respiram o mesmo ar que respiramos. Se fossem onze e não dez, pareceriam a equipe de um clube de futebol vitorioso. Com perdão dos futebolistas. A idade deles vai de 19 até 40 anos. Casos como esse da cozinheira se repetem em todo o Chile, e com terrível frequência... Assunto para um tomo de antropologia chilena: a convivência espontânea e tácita dos assaltantes. Outro caso; o "companheirismo" dos machos ao se tratar de violar e destruir a fêmea. Não sei onde buscar a origem dessas atrocidades... Criminosos sádicos encontram-se por toda parte, mas não coletivos. O tremendo e imperdoável é que em nossos bandos de violadores de mulheres não se encontre um só Dom Quixote. Não há uma só voz de piedade para a mulher atacada em sua debilidade! Pobre país em que isto acontece! As vezes creio que a origem desse canibalismo erótico, de insólita crueldade, possa se encontrar na violação inicial histórica das índias pelos conquistadores".

Daí para a frente Joaquim Edwards Bello cita alguns fatores de criminalidade como a embriaguez pelo vinho, a ausência de religião ou de vida interior, e termina (mal) assim:

"Sarmiento, fortemente impressionado pela sua viagem aos Estados Unidos, reconheceu a superioridade étnica do Norte sobre a mestiçagem hispano-indígena. Remédio: instrução popular e emigração européia".

Não vejamos nessa última reação de escritor mais do que um desabafo de nojo, de revolta, contra o que aconteceu. A "superioridade étnica" é uma fábula sem nenhum ponto de apoio, e a que nenhum estudioso sério, nórdico ou não, dá hoje o menor crédito. Não eram bem nórdicos aqueles alemães que no tempo do nazismo praticavam crimes igualmente repugnantes e ainda se davam ao luxo, que nenhum latino ou mestiço teria, de arrumar para eles uma justificativa patriótica ou filosófica? Antes um crime assim, como esse, feito só de estupidez, de bebedeira, de selvageria irresponsável, meu caro Joaquim Edwards Bello.

R. B.